

## Modulações do objeto na psicose: um relato de experiência

Eduarda Puccini

Fabio Malcher

Carlos Alberto Ribeiro Costa

### Introdução

A instauração de um símbolo, no sentido de que na simbolização um sinal evoca algo em sua ausência, implica, por um lado, considerar a diferenciação e articulação entre significantes, e, por outro, que essa ausência evocada seja concomitante à extração de um objeto libidinal na relação entre sujeito e alteridade. Quando esta operação simbólica resta prejudicada, certos efeitos aparecem no real, podendo implicar, por exemplo, tentativas outras de instaurar essa ausência – talvez sob a forma de modulações da presença ou pequenas subtrações – como as apresentadas no trabalho de “M”, participante do projeto “Circulando entre invenções: um novo dispositivo clínico na clínica de jovens autistas e psicóticos”. Este caso nos mostra como através de uma invenção, um trabalho próprio, busca-se inscrever diferenciações significantes.

Assim como Freud nos mostra a simbolização da ausência da mãe através do jogo de seu neto com o carretel emitindo as sílabas *fort* e *da*, M traz aquilo que parece não ter se inserido no simbólico para o real. Ela trata esse real através de brincadeiras de esconder e reaparecer, algumas vezes com objetos, com ela mesma e outros oficinairos, e lançando mão de um pedaço de pano, ela lida com esta presença que lhe vem, num primeiro momento, como *invasiva*.

### O caso M

M. entrou no Circulando, projeto parceria CNPQ-UFRJ-UNIRIO, integrando os cursos de teatro e psicologia através de oficinas de atendimento a autistas e psicóticos, em 2005. M. é portadora de uma síndrome orgânica que afeta seus movimentos e sua fala, de forma que os movimentos dos seus dedos são limitados; ela se comunica através de sílabas e grunhidos. Desde que começou a participar das oficinas do Circulando, já demonstrou gostar da brincadeira de “esconder”. No início puxava o cabelo das pessoas para frente do rosto, estendia as mãos, fazia um som e, quando o rosto da pessoa aparecia, ela batia palmas e pulava, demonstrando felicidade. Depois, repetia a sequência, algumas vezes puxando ela mesma o próprio cabelo para frente.

Com o passar do tempo, o trabalho que M fazia se modificou. Ao invés de esconder o rosto, M começou a esconder objetos com muita frequência e, algumas vezes, escondia os oficinairos ou ela mesma atrás da porta, sempre batendo palmas ao encontrar o objeto perdido.

Ao escrever *Além do princípio do prazer* (1920) Freud usa o exemplo de seu neto, ao brincar com o carretel, fazendo-o desaparecer e reaparecer por trás da cortina, emitindo as sílabas *fort* (embora) e *da* (aqui), para falar de um problema em relação à dominância do aparelho psíquico pelo princípio do prazer. O que chama atenção dele é que essa brincadeira infantil tão comum, ao ser analisada com um olhar mais atento, parece não se inserir na lógica do princípio do prazer. Sendo a ausência sentida como desprazerosa, por que a brincadeira se repete inúmeras vezes?

O autor direciona sua abordagem da questão ao evocar o ponto de vista *econômico* do aparelho psíquico. Qual seria o ganho e qual seria a perda da brincadeira pensando na economia pulsional? Para ele, a ausência de sua mãe, sentida pelo infante como traumática, geraria uma exigência de trabalho; na brincadeira, tratava-se de uma tentativa de domínio em relação ao traumático relacionado à perda do objeto, que se faz simbolizar a partir do significante *fort* como exemplo na instauração de uma presença na ausência. Freud estaria indicando uma ligação de um excesso pulsional a um representante.

**Lacan aponta esse saber fazer com o verbo como ligado a algo de primordial na instauração de uma oposição significante – S1–S2 – cifrando o par presença–ausência origem de toda cadeia significante, brindando–nos com a seguinte passagem ao se referir ao *fort-da***

(...) o jogo do carretel é a resposta do sujeito àquilo que a ausência da mãe veio criar na fronteira de seu domínio - a borda de seu berço, isto é, um fosso, em torno do qual ele nada mais tem a fazer senão o jogo do salto (...) É com seu objeto que a criança salta as fronteiras de seu domínio transformando em poço o que começa a encantação (Lacan, 1985 [1964]: 63).

Para que ocorra essa articulação, ao mesmo tempo que na simbolização primordial um par de oposição significante se constitui, um objeto deve ser extraído.

A repetição desse ato de brincar que essa simbolização primordial e faz com que o campo do Outro seja marcado por uma fenda. A alternância de presença e ausência da mãe simbólica, ao gerar essa exigência de trabalho, faz com que a criança a constitua, marcando assim também o

Outro materno com uma ausência, uma falta. Entretanto, no campo das psicoses, mais especificamente no campo do autismo, esse Outro não é um Outro barrado, balizado por essa falta. A experiência clínica revela que o Outro do autismo, por não ser barrado, esvaziado de gozo em alguma medida, se apresenta muitas vezes de forma invasiva, tal como acompanhamos no caso de M.

Podemos pensar que a partir desta simbolização, que se apresenta como precária, a participante lança mão de tudo que esteja presente, objetos, pessoas, etc, para que algo possa fazer uma escansão, barrar esse Outro, percebido como invasivo.

Jeanne Marie Ribeiro (2005, p.94), ao se referir ao trabalho que a criança autista realiza, nos diz que tais gestos seriam, além de um tratamento para o Outro, tentativas de inscrever um S2, de estabelecer um par significativo, uma primeira simbolização, o que implicaria um trabalho incansável, a ser reiterado indefinidamente, uma vez que esse S2 não cessaria de não se inscrever, tal como Lacan indica ao se referir ao impossível.

Ainda sobre esse trabalho com o S1 não dialetizado pelo S2, na oposição e articulação significativa, nos diz Jean-Claude Maleval, em *Qual o tratamento para o sujeito autista?*, que “A clivagem a-S1, que caracteriza a estrutura autística, ancora-se num trabalho subjetivo de proteção contra a angústia (...) Mais vale matar o Outro por antecipação para não mais sofrer.” (p. 08)

Curiosamente, mesmo os manuais psiquiátricos contemporâneos apontam diversos gestos descritos como estereotípias que se mostram gestos binários, ou ritmados:

Estereotípias motoras são definidas como movimentos involuntários ritmados, repetitivos e previsíveis que parecem ter propósito, embora funcionem sem função adaptativa ou finalidade óbvia e parem mediante alguma distração. Os exemplos incluem abanar/girar as mãos, sacudir os braços e movimentar os dedos repetidamente. (APA, 2013, p. 125)

Lacan nos diz que esse Outro é “lugar na cadeia significativa que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito” (1985 [1963] p.193). Podemos experienciar que pequenos gestos, tais como um olhar ou uma palavra, podem desorganizar uma criança autista – o que faz com que constantemente tampem seus olhos e ouvidos. Ou que algumas crianças autistas sejam confundidas com crianças surdas por não responderem a falas ou sons de um outro, nem atenderem quando são chamadas.

Soler (2002, p. 69), nos diz que percebe três traços atestados na literatura analítica em relação às crianças autistas, quais sejam: ou elas são perseguidas pelos signos do Outro, como voz e olhar, ou os anula ou demonstram uma recusa a qualquer intimação do Outro. A relação de M. com o Outro parece marcada por uma invasão por parte do Outro. No entanto, ela não fica paralisada em uma recusa à intimação do Outro, como veremos adiante. Ela, pelo contrário, tenta mediar essa relação a partir de escansões que operem próximas a uma simbolização de presença e ausência.

Estes signos do Outro, sua dimensão real como presença de gozo, relaciona-se àquilo que não é simbolizado desta alteridade. Esse retorno no real, assim, se liga a um mecanismo psíquico e instaura uma certa relação do sujeito ao real, sobre a qual Lacan, no Seminário 3 *As psicoses* (1955-1956, p. 22), lança luz ao evocar uma passagem de Freud no caso do homem dos lobos: “A relação que Freud estabelece entre esse fenômeno e esse especialíssimo *não saber nada da coisa*, (...) traduz-se por isto: o que é recusado na ordem simbólica ressurgue no real”.

No caso M, podemos ver como a presença de algo intrusivo e enigmático se presentifica quando M começa a apresentar certo receio em relação a um pano espesso rosa que tinha apenas um furo. Na presença desse pano, M se escondia e saía de perto – quando o usávamos ao redor da cintura M não se aproximava. Em supervisão, surgiu o questionamento sobre a direção do tratamento em relação ao pano, sobrevivendo o encaminhamento de que o escondêssemos no armário, dizendo que já que o pano incomodava, ali ele ficaria. Para nossa surpresa, M solicitou o pano fazendo o mesmo sinal que fazia para achar o objeto e apontava para o armário. Quando perguntamos o que estava dentro do armário, ela responde com o significante “mamá”. Ao reaparecimento do pano, ao invés de comemorar, ela se escondia, solicitando que a brincadeira fosse repetida por diversas vezes.

Ela já havia usado esse significante em outra ocasião quando chegou muito agitada na oficina e propomos a ela brincar de desenhar, entretanto, por ter problemas de motricidade manual, M. tem dificuldade de desenhar de forma que a brincadeira consistia em através de gestos ou

apontando lugares, ela nos dizer o que deveríamos desenhar para ela e depois confirmava com a cabeça se era isso mesmo. Desenhamos, a pedido dela, uma casa com uma pessoa na janela, um carro com outra pessoa dentro e ela começou a fazer com os braços gestos de uma boca enorme e seus dedos pareciam dentes, perguntamos se era um monstro ela negou, perguntamos se era um jacaré e ela concorda com a cabeça. Desenhamos então um jacaré. Depois do desenho pronto, fomos perguntando quem era cada um no desenho. M. se refere a pessoa na casa como “papá”, a do carro como “vó” e quando perguntamos quem era o jacaré ela novamente usa a palavra “mamá”. Percebemos que o desenho deu um contorno ao excesso que M. apresentava no início da oficina. Entretanto o que nos chamou atenção foi o fato de todos os outros personagens do desenho não estarem desvelados, apenas o jacaré a quem ela denomina “mamá”.

Não nos cabe, entretanto, interpretar o que M entende como “mamá”, uma vez que como nos lembra Jacques-Alain Miller, não é interpretando o que o paciente diz que a direção da análise deve correr, mas esta deve ir na direção de “apreender sua maneira particular, insólita de dar sentido às coisas, de dar sentido à repetição em sua vida.” (2010, p. 11). M parece estar usando esse significante para circunscrever algo - em um trabalho de barrar um excesso pulsional. Uma espécie de domesticação do gozo. Algo que aparece desvelado, lhe causa angústia ao mesmo tempo que lhe faz exigência de trabalho.

Poderíamos pensar se o brincar com a ausência e presença do pano faz M subjetivar a experiência, por certo traumática, de estar à revelia de uma relação com a alteridade não mediada. Como hipótese, poderíamos dizer que o pano se torna um objeto autístico de M, ou seja, objeto capaz de protegê-la do gozo do Outro via uma mediação, à medida que, faz de certa forma, um véu, uma borda, entre esconder e mostrar, o dentro e o fora, o velar e o desvelar, em relação àquilo que lhe é devastador.

Vale dizer que o autista é um sujeito que empreende uma forma singular de se localizar no mundo, e, através da eleição particular de objetos autísticos, pode fazer uma borda no real para esse Outro intrusivo. Partimos do pressuposto em nosso trabalho, de que o objeto autístico possui um lugar, não apenas de proteção ao velar o Outro que goza, mas ao mesmo tempo de anteparo em relação a um objeto que também pode se fazer ameaçador quanto a este gozo. Porém, através de sua concretude, este objeto pode dar condições de não apenas simbolizar, mas também de auxiliar o autista a lidar com esta ameaça.

M demonstra em sua invenção particular um trabalho semelhante ao descrito por Freud em *Além do princípio do prazer* (1920). Ela esconde e faz reaparecer rostos, objetos, pessoas e, posteriormente, esse pano, o qual foi atribuído o significante “mamã”, cuja presença lhe é assustadora e a ausência é sentida. Em um segundo momento, o pano em si parece ser usado para modalizar a presença.

Na direção do tratamento com o autismo, é aconselhado escamotear a si próprio com esse mundo dos objetos, para que a presença não seja sentida como invasiva (Soler, 1920, p.70), para que não seja personificado no indivíduo esse Outro sem barra. O gozo desse Outro é sentido no autismo como uma intrusão no corpo, e o indivíduo lança mão de ferramentas para depletar, esvaziar o Outro de gozo.

M, no entanto, parece sentir em relação ao pano, que ela denominou “mamã”, algo que é excessivo e faz uma exigência de trabalho, uma vez que ela solicita o *brincar* com o mesmo, não só no mesmo dia, mas em outras oficinas que se sucederam. Ao mesmo tempo em que aparece uma vertente excessiva em sua relação com esse pano, M se mostra disposta a realizar um importante trabalho psíquico em torno desse excesso, em uma tentativa de localização daquilo que a invade.

Durante as oficinas houve a possibilidade e favorecimento do trabalho que M já vinha fazendo, de forma que este se modificou. Seguindo a direção de trabalho proposta por Lacan na clínica das psicoses, a posição do analista deve ser de uma “submissão completa, ainda que advertida às posições propriamente subjetivas do paciente” (Lacan 1957/58 p. 540).

Através desse direcionamento clínico, a equipe consegue reconhecer a importância subjetiva do pano para M - sua escolha singular que ora figura como objeto, ora como modulação da presença de uma alteridade - a depender do momento de seu trabalho. A aposta é sempre no sentido de favorecer o trabalho de M e ofertar objetos que façam uma escansão, que sirvam para mediar a presença do Outro.

Algo do pano rosa pôde localizar e circunscrever um excesso e conforme sua demanda de trabalho e exigência houve uma modificação do que antes parecia ser uma tentativa de articulação S1/S2 para uma modulação da presença da alteridade. Quando o analista se presta a ocupar esse lugar de trabalho S2 ele favorece que o indivíduo seja inserido no laço social, uma vez que nessa escansão o sujeito pode advir.

Durante a supervisão é sempre lembrado que este lugar - que aqui chamamos S2 singular, ofertado pelo analista - é um lugar esvaziado de saber, de sentido, estando o analista ciente de que o saber está do lado daquele que se encontra em trabalho

Enfim, para finalizar, podemos dizer que a direção do tratamento de M, consistiu, por base, em privilegiar o uso de objetos que M pôde usar para estabelecer uma relação de si com mundo, ou melhor, com o Outro. Acreditamos que a principal conduta no atendimento psicanalítico nesses casos é fazer valer no tratamento, as defesas que o sujeito é capaz de estruturar, pois isto diz respeito ao próprio sujeito, o que lhe é mais singular. Trata-se de uma aposta via tratamento clínico que proporciona ao sujeito a possibilidade de advir numa posição frente ao excesso do Outro, que se faz constante e ao mesmo tempo avassalador.

### **Considerações finais**

A partir do caso clínico foi possível acompanhar a invenção única de uma participante que dá o testemunho de uma precariedade simbólica, tratada amplamente na teoria, que faz uma exigência de trabalho e a partir daí nos coloca frente a frente com a invenção singular de um sujeito, que a depender de seu trabalho elege objetos, ora numa tentativa de simbolização, ora para circunscrever um excesso.

Dessa forma nos deparamos também com a importância da direção no tratamento analítico, bem como na *aposta* feita por uma equipe de que aquele sujeito que ali se apresenta irá eleger as melhores alternativas para lidar com isso que retorna no real como exigência de trabalho.

## Referências bibliográficas

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, Fifth Edition (DSM-V). Arlington, VA: American Psychiatric Association, 2013.

FREUD, S. *Obras completas, ESB*. Rio de Janeiro: Imago, 1987

\_\_\_\_\_(1920) *Além do princípio do prazer*, v. XVIII. P, 17.

LACAN, J. (1958) *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LACAN, J. (1953/54) *O seminário. Livro I Os escritos técnicos do Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1983.

\_\_\_\_\_(1955/56) *O seminário. Livro 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1985.

\_\_\_\_\_(1964) *O seminário. Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais em psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 1998.

MALEVAL, J. (2009) *Qual o tratamento para o sujeito autista?* Tradução do texto “Quel traitement pour le sujet autiste?” In: *Psicologia Cultura e Processos Formativos*. Revista de educação da UFG v. 34 n. 2 Goiás, editora Interação, 2009.

MILLER, J. (2010) *O efeito do retorno à psicose ordinária*. In: *Opção Lacaniana Online*, Ano 1, n. 3, Belo Horizonte, Novembro 2010.

RIBEIRO, J. (2004) *A criança autista em trabalho*. Rio de Janeiro. 7 letras Editora, 2013.



SOLER, C. (2002) *O inconsciente a céu aberto da psicose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2007.